

***Pedagogia Freinet e Direitos Humanos: discutindo o papel da educação escolar na construção de uma sociedade não violenta.  
(ou a vida na escola e não a escola preparando para a vida)***

Aristeo Leite Filho<sup>1</sup>

**Resumo**

O presente artigo reconhece as limitações da escola em transformar a sociedade. Procurando superar tanto a fragilidade inocente do otimismo exarcebado quanto o pessimismo imobilizante aponta para as possibilidades de mudanças que a educação escolar - ensino - possui. As reflexões têm como base as concepções Frenetiana do educador francês do século XX.

Palavras chaves: Pedagogia Freinet - Papel da escola - Violência.

**Abstract**

The present paper acknowledges the limitations of the school in transforming society. Seeking to overcome the innocent fragility of an exaggerated optimism, as well as the immobilizing pessimism, the paper points to possibilities of change that the education - teaching - has. The discussions are based on the conceptions of the French educator of the XXth century: Freinet.

Key-words: Freinetian Pedagogy, Role of the School, Violence

Diz-se muitas vezes que as doenças são crises de adaptação. A escola atravessa uma dessas crises. Não nos servirá de nada instalarmo-nos na doença: acabaremos por nos tornarmos doentes ou impotentes. É necessário procurar soluções válidas para reencontrar a vida e a eficiência. (Freinet)

Volta e meia se atribui à escola tarefas que ela não consegue dar conta: redução da pobreza; desenvolvimento econômico; entrada no primeiro mundo; retirada das crianças da rua; redução da violência, entre outras.

A escola como instituição social insere-se sempre num contexto concreto e historicamente definido. Portanto, a relação escola-sociedade deve ser considerada, quer na análise das suas práticas pedagógicas, quer nas considerações sobre o seu papel e as suas funções na sociedade.

Três são as concepções a respeito da relação escola e sociedade. De certa forma, essas concepções representam posturas predominantes em vários momentos de nossa Educação e que, de alguma maneira, convivem simultaneamente nas escolas e, muitas vezes, em cada um de nós. (Cortella,1998)

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Diretor da Escola Oga Mitá. Professor do Curso de Pós-graduação em Educação Infantil – PUC/Rio. Presidente da OMEP/BR/RJ. Coordenador do curso de Pedagogia do Campus Nova América da Universidade Estácio de Sá.

A primeira concepção atribui à escola uma missão salvífica. Acredita-se que a escola pode resolver todos os problemas sociais. A escola com a capacidade de transformar a sociedade. A educação entendida como alavanca do desenvolvimento e do progresso. É conhecida como a concepção *otimista ingênua*.

conservadora e uma função inovadora ao mesmo tempo. Se na primeira concepção a escola é totalmente independente da sociedade e na segunda ela é totalmente dependente da mesma, nesta terceira, ela é vista na sua relação com a sociedade onde está inserida como uma via de mão dupla. A educação e os educadores têm uma autonomia relativa.

***A escola é vista como uma instituição social de natureza contraditória, inserida numa sociedade desigual. A escola possui possibilidades de mudança tanto quanto de manutenção da sociedade onde ela se insere.***

Esta terceira concepção é conhecida como *otimista crítica*. Nós, educadores, estamos, portanto de posse dessa autonomia relativa. Podemos contribuir com a mudança

Em contraposição a essa primeira concepção, defende-se a idéia de que a escola é um *aparelho ideológico do Estado*. Sua função é a reprodução da sociedade como ela é. A educação entendida como mantenedora da sociedade. A escola com a capacidade de perpetuar o sistema. Nessa concepção, a escola não possui, de forma alguma, autonomia, sendo determinada, de maneira absoluta, pela classe dominante da sociedade.

social tanto quanto conservar e manter a sociedade.

A terceira concepção resgata a positividade das anteriores, procurando superar tanto a fragilidade inocente do *otimismo* exacerbado, quanto o *pessimismo* imobilizante. Ela se situa indicando o valor que a escola deve ter sem cair nos extremos do pessimismo e do otimismo ingênuos.

Nossa sociedade vive hoje situações de violência e nas nossas escolas temos tido violências em todos os níveis. Agressões físicas, desavenças constantes, repressões, humilhações e exclusões desenham um cotidiano escolar que nos induz a um entendimento da escola como reflexo da sociedade, sem possibilidades de mudanças internas e forças para contribuir com uma mudança social.

A escola é vista como uma instituição social de natureza contraditória, inserida numa sociedade desigual. A escola possui possibilidades de mudança tanto quanto de manutenção da sociedade onde ela se insere. A educação, dessa maneira, é vista como tendo uma função

Agirmos ingenuamente como educadores seria admitir que podemos reverter esse quadro através da nossa prática pedagógica, entendendo-a como independente da sociedade e capaz de formar indivíduos não violentos, o que resultaria em última instância na construção de uma sociedade de paz.

Sabedores da nossa autonomia relativa como educadores e reconhecedores dos limites e das contradições sociais que a escola traz no seu fazer

pedagógico, resta-nos a opção por uma pedagogia crítica que busca seus fundamentos em valores sociais inovadores, antagônicos aos estabelecidos na sociedade desigual em que nos inserimos.

Neste sentido, as idéias e as práticas pedagógicas da pedagogia proposta por Celestin Freinet têm seu lugar e, sobretudo, seu significado na educação brasileira de hoje. Vale lembrar que situamos esta pedagogia ao lado das idéias do educador brasileiro Paulo Freire como sendo uma pedagogia otimista crítica.

A idéia de que a violência que as crianças exercem é, antes de tudo, a que o seu meio exerce sobre elas, não pode deixar de ser considerada.

A escola tradicional, como já foi amplamente estudado, exerce uma violência sobre os seus alunos. Ora de forma mais concreta, material: repressão, castigos, sanções; ora de forma mais simbólica: no dizer dos adultos, no não escutar institucional, no não respeito ao outro, na crença de que os alunos não têm capacidade de aprender, na não valorização da produção infantil, no controle e nas imposições como recursos didáticos. *Violência gera violência, gentileza gera gentileza.*

A vida na escola se opondo à escola que prepara para a vida é uma das máximas da pedagogia Freinet. O educador francês, retornando mutilado da primeira guerra mundial, não tinha como propor outro caminho. A opção do jovem Freinet foi por uma escola que educasse para a paz. De uma escola para que nunca mais houvesse guerra. Sua trajetória é marcada por uma luta pela vida. Freinet é um revolucionário pacifista.

“Os castigos são sempre um erro. São humilhantes, não conduzem ao fim desejado e não passam de um paliativo.” (Freinet, Invariante nº23)

Desde os anos 20, Freinet se mostra um internacionalista militante. Sua pedagogia é cooperativa. Por meio de todos os seus modos de ação e técnicas, incentiva a ajuda mútua, o esforço conjunto, sem, contudo, abolir as individualidades. (Oliveira, 1995) “A criança não gosta de sujeitar-se a um trabalho em rebanho. Ela prefere o trabalho individual ou de equipe numa comunidade cooperativa.”

Freinet é um educador-professor e não apenas um teórico da educação. Para ele, a construção de uma sociedade democrática inicia-se com a democracia na escola. Uma prática viva e não preparatória como muitos pedagogos escolanovistas propõem.

Diferente de uma escola que concebe criança como um sujeito que ainda não é, aquele que está para ser, a pedagogia Freinet entende a criança como um sujeito que já é. Um cidadão. Essa concepção de criança cidadã, ou seja, que tem direitos, demanda uma postura do professor que respeite seus alunos como pessoas que têm desejos, interesses e necessidades próprias.

Assim é que os instrumentos de aprendizagem devem, portanto, permitir que cada um trabalhe no seu ritmo, que se auto-corrija e que também se auto avalie (M. Vibert, 1981). Isso só é possível num ambiente onde os alunos tenham direito a vez e voz.

A classe cooperativa de Freinet implica numa mudança no modo de legitimação da autoridade, onde a relação professor-aluno se caracteriza pelo diálogo.

A socialização da organização do trabalho dos alunos e do professor na sala de aula é a porta de entrada da vida na escola. A vida como valor é o antídoto da violência. Violência é sempre social, nunca natural. E se é construída na relação que os sujeitos estabelecem entre si, pode ser destruída ou reconstruída.

***A socialização da organização do trabalho dos alunos e do professor na sala de aula é a porta de entrada da vida na escola. A vida como valor é o antídoto da violência. Violência é sempre social, nunca natural.***

lugar de vida e de produção, onde se faz a aprendizagem da democracia pela participação cooperativa. (Sampaio, 1989) A livre expressão faz eclodir na classe um clima privilegiado de liberdade, autodisciplina

e confiança. Vivência de um espaço de troca, respeito mútuo e cooperação que constituirão uma escola viva e não violenta, com certeza.

“A ordem e a disciplina são necessárias na aula.” (Freinet, Invariante no 22) A organização como princípio do trabalho escolar permite aos alunos vivenciarem (no presente) o senso de responsabilidade e o senso de iniciativa. Ela não se constitui somente de aspectos funcionais mas, sobretudo, ela é profundamente vital.

É preciso que alunos e professores vivam verdadeiramente na escola. Eles mesmos devem planejar o que têm de fazer para que possam fazer nas melhores condições. “A nova vida da escola supõe a cooperação escolar, isto é, a gestão da vida e do trabalho escolar pelos que a praticam, incluindo o educador.” (Freinet, Invariante no 24)

O clima da sala de aula, o clima da escola, é sobre isso que nós educadores devemos refletir na sociedade violenta, na sociedade do consumismo, na sociedade da competição, na sociedade da desigualdade. “O clima não é coisa difícil de se criar, mas, sobretudo, uma questão de vontade pessoal, que tende a querer estabelecer uma atmosfera de troca.” (M.Vibert, 1981)

A boa escola é a que aprende, é aquela que permite todos os sentimentos, é aquela que é viva e tem vida. A livre expressão proposta por Freinet é assegurada em todas as manifestações das crianças e do professor. Ela define uma postura pedagógica que torna a escola um verdadeiro

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTELLA, M. S. A Escola e o Conhecimento. Fundamentos Epistemológico e Políticos. São Paulo: Cortez, 1998.

COLOMBIER, C. et al. A Violência na Escola. São Paulo: Summus, 1989.

ELIAS, M. D. C. Célestin Freinet. Uma Pedagogia de Atividade e Cooperação. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREINET, C.; SALENGROS, R. Modernizar a Escola. Lisboa: Dinalivros, 1977.

OLIVEIRA, A. M. Célestin Freinet. Raízes Sociais e Políticas de uma Proposta Pedagógica. Rio de Janeiro: Papéis e Cópias da Escola de Professores, 1995.

SAMPAIO, R. M. W. F. Freinet. Evolução Histórica e Atualidades. São Paulo: Scipione, 1989.

VIBERT, M. A Pedagogia Freinet. Carta a Professores Brasileiros. Niterói: Centro Educacional de Niterói, 1981.